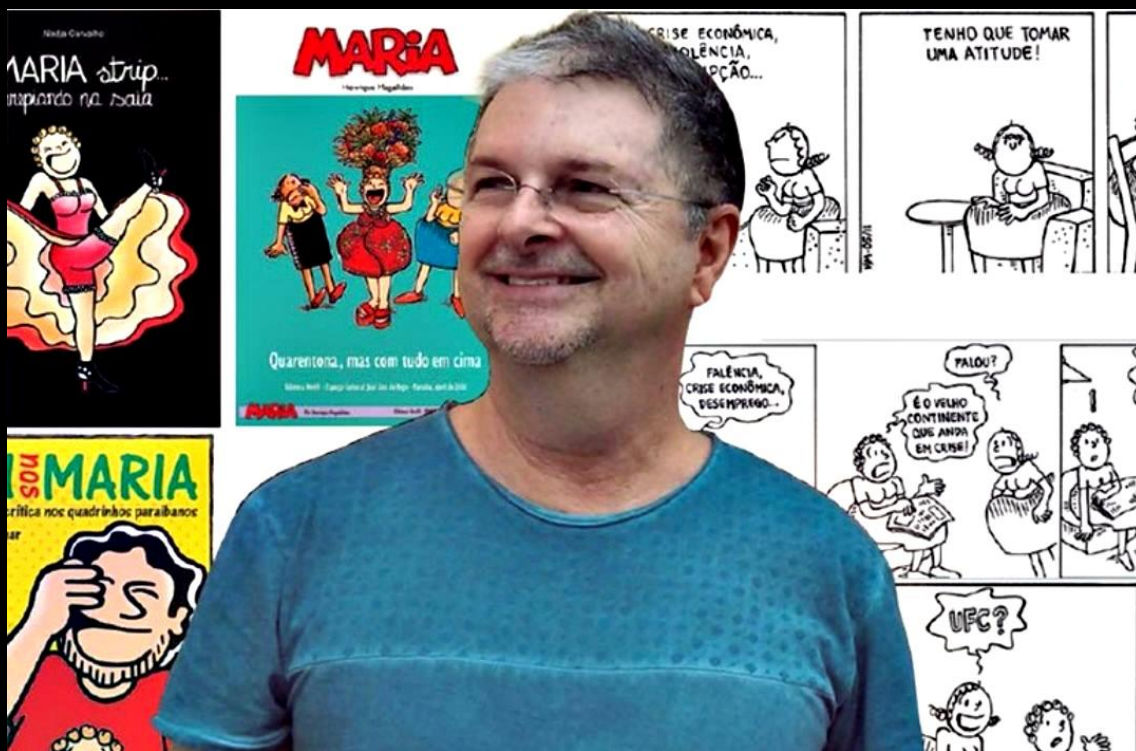


Interação zine

Ano I – Nº 05 – nov. /dez- 2025
(Tudo o que você precisa saber)



MARIA 50 ANOS DE HUMOR, É PUBLICADA
PELA EDITORA A UNIÃO.

EDITORIAL

Enfim chegamos a edição nº05 da nossa publicação trazendo nesta edição vários textos de vários colaboradores, confirmam: Coletivo Bordas (Janys Oliveira) , Duane Allman, Tommy Bolin e Randy Rhoads , três guitarristas de vida curta por Marcos Eduardo Massolini, Carrancas Urbanas por André Araujo, 50 anos de “Maria”, desenhos, quadrinhos e gibis na arte- mídia-política de Henrique Magalhães (Claudio Paiva), Eye Running na minha versão (Martinique), Suas Histórias, Suas Artes (Elton Frans), um programa de blues no Whatsapp (Zinerman Nogueira), e fechando em grande estilo com o texto de Maris, O amor vai nos extravasar: Ian Curtis e a melancolia como combustível para a solidão.

Editor José Zinerman Nogueira

novembro / dezembro – 2025



COLETIVO BORDAS E A PANDEMIA DA COVID19: UM MOMENTO ON-LINE DE RESPIRO ARTÍSTICO.

Autora: Janyce Soares De Oliveira

@janysoliveiraoficial

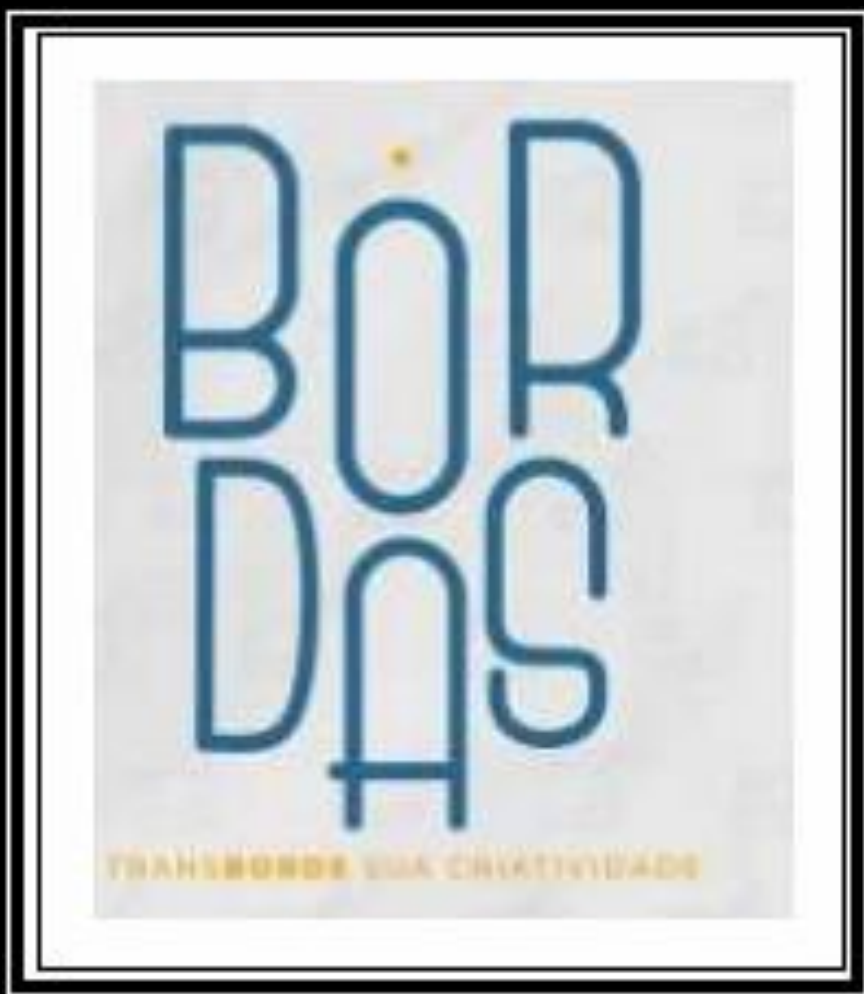
“Relembrando um passado complicado recente, eu tive nesse interim um satisfatório respiro artístico sendo participante do coletivo bordas no período da pandemia de covid-19. Como estávamos na modalidade Lockdown a resposta para a socialização e o acesso as artes era o universo Online.

Até hoje, o coletivo bordas opera no seu modo tradicional online já que seus

Participantes estão espalhados pelo Brasil de Norte ao Sul. Naquele período da Pandemia erámos cerca de 10 participantes que desejavam expor as suas diversas ideias políticas de resistência através do uso da aquarela e do Bordado na defesa da democracia brasileira.

Os recursos utilizados no coletivo bordas é o papel, a tinta aquarela, linhas, cores e agulhas para materializar as obras dos artistas engajados através de seus processos criativos nos seus acervos imagéticos de suas formações. Os artistas do coletivo bordas atuam em diversas formações das áreas humanas como filosofia, sociologia, artes visuais, arte-educação e juntos pensam, bordam, debatem, pintam e refletem o contexto da política brasileira materializando toda essa reflexão em obras artísticas no papel aquarelado.

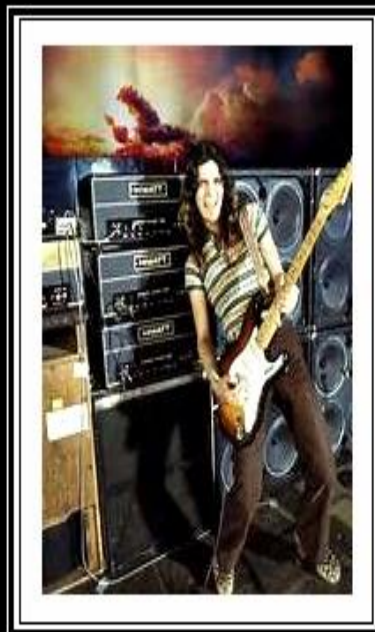
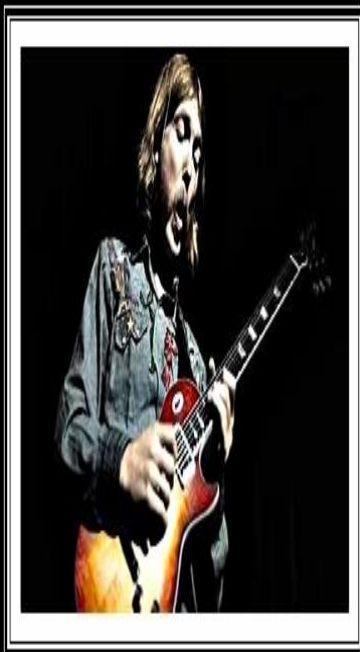
O coletivo bordas desde 2019, vem conseguindo realizar através de seus Colaboradores algumas iniciativas no campo da arte: livros, exposições, encontros online experimentação que é possível conhecer no seu Instagram: @coletivobordas





MARCOS EDUARDO MASSOLINI
JORNALISTA, ESCRITOR E REVISOR
@marcoseduardo.massolini

**DUANE ALLMAN/TOMMY BOLIN/RANDY RHOADS:
GRANDES GUITARRISTAS DE VIDA CURTA**



Escolhi esses três nomes por conta de várias coincidências em suas curtas trajetórias: todos são americanos, guitarristas, frequentam sempre a lista dos melhores de todos os tempos e morreram de forma trágica, com a mesma idade.

Duane Allman (20/11/1946- 29/10/1971), era especialista em slide guitar - o seu estilo de tocar incluía vidros vazios de remédios (mais detalhes aqui: <http://poeirablog.wordpress.com/2009/06/25/o-slide-preferido-de-duane-allman/>) - e um cara de bem com a vida, que adorava música, motos e estrada. Tocou e gravou com muita gente, incluindo Eric Clapton (a introdução de 7 notas de *Layla* foi feita por Duane) e sessões de estúdio com cobras do jazz, blues e rock. Quando morreu em 71, estava no auge, em sintonia com Clapton e estraçalhando com seu irmão Greg e amigos de infância na mítica The Allman Brothers Band, cujo

álbum *At Fillmore East*, do mesmo ano, é considerado um dos melhores discos ao vivo da história. Poucas semanas antes de completar 25 anos, bateu em alta velocidade com sua moto chopper em um caminhão desgovernado. Duane Allman foi considerado pela Rolling Stone em 2003 o segundo melhor guitarrista de todos os tempos (atrás de Jimi Hendrix).

Já Tommy Bolin (01/08/1951 - 04/12/1976), foi um guitarrista versátil, de estilo jazzy, que participou de dezenas de bandas de rock entre os anos 60 e o início dos 70, até chamar a atenção pela sua participação no disco de 1973 do baterista Billy Cobham, *Spectrum*. Ainda em 1973, entra para o James Gang, onde permanece por um ano. Em 1975 lança seu primeiro solo, *Teaser* e logo em seguida substitui com grandes expectativas Richie Blackmore

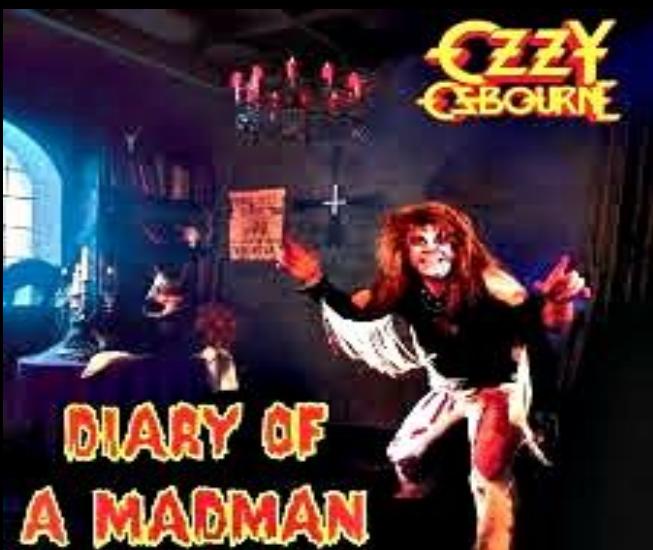
no Deep Purple. Embora tenha se saído bem em estúdio no álbum *Come Taste The Band*, sua avançada dependência em drogas pesadas prejudicou a performance da banda em turnê, que já abalada por outros fatores, se desfez em 1976, depois de show em Liverpool onde Bolin sofreu uma overdose. Pouco depois de gravar o afamado segundo disco solo, *Private Eyes*, Tommy Bolin morreu de overdose na manhã do dia 04/12/1976, depois de horas em agonia na madrugada, sem sequer ser socorrido pelos seus “amigos” junkies, que não queriam problemas com a polícia.

Nosso terceiro guitarrista, Randy Rhoads (06/12/1956-18/03/1982) nasceu em uma família musical e com 15 anos já era um requisitado professor de guitarra na escola de sua mãe. Com 16, entrou para o Quiet Riot e logo arregimentou fãs do seu estilo agressivo e ao mesmo tempo harmônico e personalíssimo. Depois de dois álbuns com

o Quiet, Randy decidiu participar de um teste para a banda de Ozzy Osbourne, que iniciava sua carreira solo. Ozzy escutou centenas de guitarristas e já no limite de sua paciência, sem encontrar um instrumentista de estilo próprio, resolveu ouvir o último músico: bastou Randy ligar sua aparelhagem e dedilhar algo, para Mister Osbourne contratá-lo no ato. O jovem guitarrista gravou os discos Blizzard of Ozz de 1980 e Diary of a Madman de 1981, que muito pela sua presença, são considerados os melhores da carreira de Ozzy. Em 19/03 do ano seguinte, em plena turnê rumo à Orlando, Randy Rhoads aceitou dar umas voltas de avião com o ex-piloto que hospedava a banda; após acrobacias desnecessárias e rasantes perigosos, o pequeno avião raspou uma das asas no ônibus estacionado da banda e explodiu ao chocar-se com uma garagem. Randy Rhoads, 25 anos, morria tragicamente e no

auge.

Três acidentes estúpidos (existe acidente que não é estúpido?) Limparam a vida desses três magníficos guitarristas, que certamente tinham muito o que mostrar ainda na carreira. É realmente de tirar o chapéu o que eles fizeram para a história do rock em tão pouco tempo.





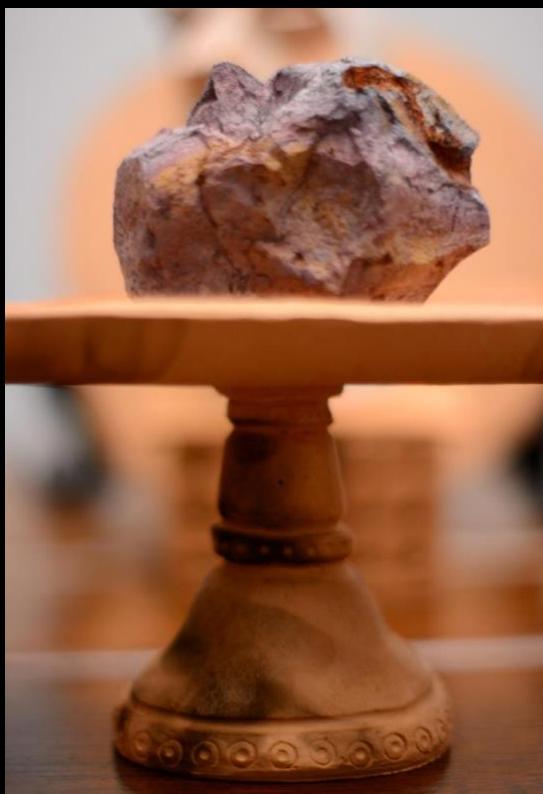
ANDRE ARAUJO – Artista, Designer Gráfico,
Professor e Diretor do Estúdio Alfavaca

<http://www.instagram.com/andrearaujoartista>

Na minha série Jardim das Delícias, crio uma instalação cerâmica em constante transformação, onde o Gótico Tropical se funde com o punk e o Expressionismo Hardcore, dando vida a formas que respiram tanto o ancestral quanto o contemporâneo. Inspiro-me nas cerâmicas dos Tapajó, transformando a tradição

arqueológica em um terreno fértil para a experimentação criativa. Minhas esculturas abraçam o grotesco e o abjeto, incorporando também carrancas urbanas inspiradas nas carrancas do norte de Minas Gerais. Esses seres se retorcem e florescem dentro do jardim, refletindo a minha própria fascinação pela transgressão e pela beleza em um mundo em constante decomposição.

Carrancas Urbanas

















HQ'S

50 anos de 'Maria', desenhos, quadrinhos e gibis na arte-mídia-política de Henrique Magalhães

CLAUDIO PAIVA

11 de setembro de 2025

“Nós fazemos parte de uma turma que se formou entre a 'Geração A15'

(Assombrada pela violência, censura e repressão sexual, anos 60/70 e a 'Geração Coca-Cola' (do consumismo, enlatados, indústria cultural, cunhada por Renato Russo), e ingressamos na UFPB, entre o fim

dos anos 70 e início dos anos 80, a ‘Geração Inconformista’ nos tempos da abertura política.

Eu me lembro de João Pessoa, nos anos 80 (ainda uma “fazendinha à beira-mar), da Mítica Sala Preta da DAC, Departamento de Arte e Comunicação da UFPB, da peça queer irreverente ‘Soy Loco por ti Latrina’(Texto de Paulo Vieira e Direção de Antonio Cadenque ,1980), do Teatro Lima Penante, dos shows musicais na arena do criativo Teatro Piolin

(Luiz Carlos Vasconcelos), do revolucionário ‘ Bar da Xoxota’ (na Praia de Tambaú), da “batalha dos renegados”, no jornalismo inteligente (de Walter Galvão) , além de Carlos Aranha,etc,etc...

O incrível Movimento do Cinema em Super-Oito(UFPB):Pedro Santos, Jomard Muniz de Brito,Pedro Nunes, João de Lima Gomes,Bertrand Lira, Lauro

Nascimento, Vania Perazzo, Elisa Cabral, Torquato Joel, Marcos Vilar e também Henrique Magalhães, autor do curta 'Era vermelho seu batom' (1983), dentre outros apaixonados por Cinema.

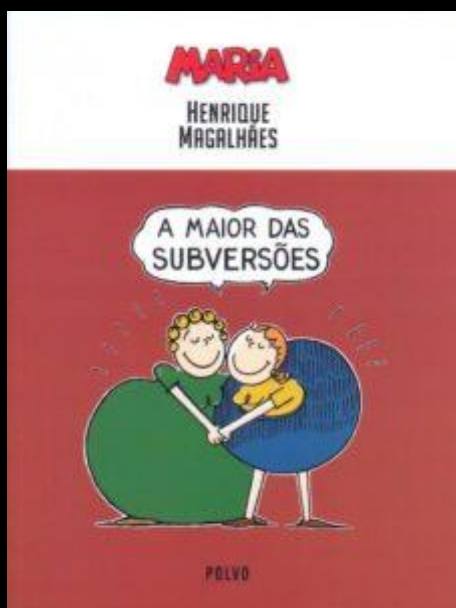
Enfretamento do racismo. Relembro igualmente o 'Nós Também', o primeiro Grupo Gay da Paraíba, (canal de desrepressão, esclarecimento sobre a AIDS e direitos civis). O reconhecimento dos Direitos dos povos originários, nas aulas, livros e filmes. Inclusão dos idosos

(os 'corações veteranos'), da liberação dos divorciados, e dos cidadãos com necessidades especiais. Dos tempos redescobertos nos "paraísos artificiais", extase saudável do vinho, cachimbo da paz e caipirinha. Como diz Edgar Morin,

"a cabeça bem feita": com a alquimia da Yoga, meditação, acupuntura, medicina

alternativa, tarô , astrologia etc. Para nós, ali então, um pouco atrasadas com relação ao resto do mundo, as utopias estavam em marcha. Vivíamos à procura de saídas em tempo difíceis, na busca de uma ecologia mais equilibrada, os prazeres da comida natural. Uma estética da carnavalização: doce subversão e poética das paixões amorosas nas praias, nos bares, “assustados”, música, dança, cinema transcendental. Longes das sombras de Reagan, Thatcher e da globalização. Recordo das imagens do protesto, passeatas e manifestações dentro e fora da UFPB. Imagens da Paraíba inteligente, algo difícil de se imaginar nos tempos das bolhas virtuais, narcisistas e odiosas do século XXI; mesmo que haja sempre flashes da pulsão de vida, poética sensível e inteligente nas experiências cognitivas e estéticas vivenciais das novíssimas gerações. Parafraseando o filósofo Walter

Benjamim, A verdadeira imagem do passado é uma imagem dialética, que surge em momento de crise , como lampejo e resgata um instante de verdade. É uma imagem revolucionária que retorna no presente cotidiano, como “imagem sobrevivente”, ativa e lúcida, promessa de liberdade e emancipação. Trata-se de uma iluminação recorrente para nos atualizar e nos orientar nos tempos sombrios.



Nesse contexto se inscreve a produção alternativa, sensível e criativa de Henrique Magalhães, Prof. Dr. em Sociologia, ativista

da Mídia e Comunicação (no Brasil e Portugal), Escritor, editor independente, chargista e contador de histórias em 'Bandas Desenhadas', criador da personagem Maria, no extraordinário universo dos Quadrinhos. A criação de Maria (1975) nasceu com um caráter político e contestador. HM publicou o fanzine Marca de Fantasia (1985-1988), criou a Gibiteca Henfil (1990). Magalhaes teve influência da revista Fradim(Henfil) e dos livros de Mafalda (Quino), além dos quadrinhos de Edgar Vasques(Rango) e gibi de Marge (Luluzinha).

A maior dificuldade do que chamávamos de "esquerda", dos sujeitos e grupos progressistas, militantes e engajados na luta pela justiça social era o problema da Linguagem. Ou seja, transformar a pulsão criativa do espírito rebelde, transgressivo e

Inconformista, em palavra, discurso, imagem e significação sem mágoa, sem raiva, sem ressentimento. Repensando a célebre frase atribuída a Che Guevara, o desafio foi e ainda é: “Endurecer o espírito sem perder a ternura jamais”. E a saída tem sido pela arte do cômico. Do fazer rir. Não rir do outro, mas rir com o outro, aprender a rir de si próprio. Logo o riso e o siso sempre foram a marca registrada da narrativa de Maria.

“ Sem charme intelectual, nem abissal”, Henrique Magalhães é Mestre em Comunicação pela USP com a dissertação ‘Os fanzines de histórias em quadrinhos: o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros (1993), e ‘sociólogo’, ele é Doutor pela Universidade de Paris VII, com a Tese ‘Bande Dessinée: rénovation culturelle et presse alternative’ (1995). O professor Henrique Magalhães é autor dos livros acadêmicos: O que é Fanzine(1993), O

rebuliço apaixonante dos fanzines(2003) e Humor em pílulas – A força criativa das tiras brasileiras(2002). Das palavras do professor –escritor-ator-diretor de Teatro Paulo Vieira, na apresentação do livro Maria- 50 anos de Humor e Provocação, podemos vislumbrar o ‘espírito do tempo’ que regeu o imaginário da época:

“Eram tempos revolucionários. Tempos de abertura de consciência. Tempos difíceis, mas que adolescentes, bichas, padres e mulheres como cantou Caetano Veloso, rompiam o coro dos contentes e apesar de toda repressão e mesmo contra o apoio das esquerdas tradicionais, faziam o carnaval, desbundavam para valer, éramos os que giravam na roda, Carmens Mirandas do nosso desejo, e Maria, a nossa expressão artística e ideológica”

Paulo Vieira de Melo. Maria (2025), pag.10

Cumpre lembra. 1988 foi o ano da promulgação da nossa Constituição Cidadã, considerada avançada em seus matizes humanistas, alavanca básica e suporte jurídico para o engajamento nos movimentos sociais, orientados para a democratização, a cidadania e os direitos civis. Entre aquela época e os nossos dias, como conta Paulo Vieira:

“Maria mudou com o tempo. Mudou o traço, mudou a prosa, mudou a temática, mudou muito, somente não mudou o profundo amor pela verdade e pela beleza de ser o que se é , independente do que seja, desde que seja a boa luta pelo bem , pela felicidade de amar, pela paz que deveria reger e regar os nossos corações”

Paulo Vieira de Melo. Maria (2025), pag.12.

Penso que Maria mudou para melhor, não envelheceu, muito pelo contrário, mantém se jovem, atual e antenada no mundo

multipolar do século XXI. Enfrenta as adversidades e crises recentes, como a “hipocrisia religiosa que atormenta a nossa democracia”, o retorno do conservadorismo de direita, os problemas ecológicos e ambientais.

A obra se tornou objeto de estudos acadêmicos, livros especializados e até inspirou vídeos documentários.

Destacamos aí o “ensaio lúdico” da Professora Nadia Carvalho, no livro *Maria Strip... arrepiando na saia* (2016) e da professora Regina Béhar, *Eu sou Maria: humor e crítica nos quadrinhos paraibanos* (2016). E igualmente o vídeo documentário *Eu Sou Maria* (Béhar e Matheus Andrade, 2017), além de outro vídeo *Maria por Marias* (com Karla Karini na direção e Adelcídio Soares, na edição, 2018), Departamento de Mídias Digitais,

UFPB. Essas são apenas algumas das mil faces de Maria.

Em 2024, por meio do Projeto da Deputada Estadual Cida Ramos, Maria tornou-se patrimônio Cultural Imaterial da Paraíba num prestigioso reconhecimento de sua “Produção”.

In. Magalhães. Maria.2025, pag. 12

O livro Maria – 50 anos de Humor e Provocação é importante pela permanência da coragem de criar, do seu autor, Henrique Magalhães, que reúne seus quadrinhos históricos, memoráveis e a produção mais recente que atenta para as

Transformações recentes na seara social e política. Trata-se de um “livreco” bom de degustar – principalmente por quem gosta e é fã das Histórias em Quadrinhos, que de algum modo representa um modo de produção elaborado de maneira lúdica, criativa e que instiga a pensar, o que não é

pouca coisa na época do dia “inteligência artificial”, (A obra pode ser adquirida na Livraria da Editora da União (Espaço Cultural). Em tempo, convém destacar a atividade de Henrique Magalhães em sua Editora Marca de Fantasia, que permanentemente tem lançado não só seus trabalhos, mas editado diversos livros de vários autores com temática análoga

Cf. . <https://www.marcadefantasia.com/>

E, fundamentalmente, é prodigo ao recuperar uma ética-estética avançada progressista, que enfrenta a onda regressiva, conservadora e reacionária que varre o planeta. Logo, é vetor de alegria, coragem e dotado de fina ironia, recorrendo ao riso que desmancha o mau humor dos homens e mulheres travados, tristes e ressentidos. Relembro o psicólogo Roberto Freire, “Sem Tesão não há solução” (título de seu livro, de 1987) E essa é a substância

que nove Maria, o tesão de fazer e de viver,
que reanima a libido dominante e que ainda
meio em baixa, na sociedade fisgada pelas
Big Techs fanatismo e desinformação: Logo,
Maria permanece mais adulta que nunca.

(Claudio Paiva)



Claúdio Paiva – Professor Titular –
Departamento de Comunicação –UFPB
Mestrado em Sciences Sociales –Universite
de Paris V (Rene Descartes)





MARTINIQUE (@mtnqz)

EYE RUNNING NA MINHA VERSÃO

“Eye Running até poderia ser aquela criatura desinteressada que passa rapidamente dando uma olhadinha e logo vai embora. Mas aqui ele ficou e, com um olhão desses, não tinha como dar apenas uma olhadinha rápida. Em contrapartida, ele também foi olhado e copiado, ganhando um sócia. Enquanto ele veio em pinceladas num papelão, o sócia são riscos de caneta numa folha caderninho, porém manteve as cores parecidas. Acho que o

original vocês conhecem, de autoria do Zinerman.

Agora conhecem a minha versão dele.



figura 1- Zinerman



Figura 2- Nique



ELTON FRANS

CANTOR, COMPOSITOR

PRODUTOR/EMPRESÁRIO ARTÍSTICO

@ELTONFRANSOFICIAL

SUAS HISTÓRIAS, SUA ARTE

Antes de iniciar esta minha estreia como colunista deste fanzine, quero aqui agradecer ao amigo “José Nogueira” editor pelo convite “a ocupar esta coluna.

Quero nela, contar minhas histórias e curiosidades “a revelar em público parte de minha trajetória neste meio artístico como

cantor/empresário/e produtor de shows representando artistas famosos como: Tim Maia,Zé do Caixão, Chacrinha, Terry Winter e tantos outros . Além dos 10 anos ao lado do genial Raul Seixas.

SEPULTURA



ZÉ DO CAIXÃO (COFFIN JOE)

Homenageia Zé do Caixão em gravação ao vivo da música “prenuncio” que saiu no álbum desta super banda de Trash Metal.

A data de sexta 13 era a única no calendário, e o mês era março de 2010.

Elton Franz foi comunicado pelo cineasta do terror de que precisava do espaço para fazer esta gravação e também comemorar os 35 anos de cinema e tv, e teria que ser nesta data pois, naquele momento só faltavam dez dias para a realização, consegui a casa de rock mais adequada para este tipo de evento, a Led SLay, na avenida Celso Garcia, Tatuapé SP.

A imprensa em peso estava lá aglomerada, todos os canais de tv registrando esse encontro macabro! (E.F.)



@zinerman_nogueira

Editor, Poeta, Artista Multimeio
Radiomaker / Videomaker e Coordenador
da Fanzinoteca Zine House Brasil

**A GRANDE SACADA UM
PROGRAMA DE BLUES NO
WHATSSAPP**

“MADRUGADA BLUES”

“Quando surgiu as redes sociais, e caiu em minhas mãos um aparelho celular , não pensei duas vezes : O whatsapp serve para se comunicar com outras pessoas , e ai fiz um teste de quanto tempo duraria uma conversa de Whatsapp e descobriria que ele poderia durar mais de uma hora , então

rapidamente a minha mente processou que poderíamos usar essa ferramenta tecnológica , para fazer um programa de rádio , e foi isso que fiz, peguei um caderno e uma caneta e comecei a esboçar e rascunhar um projeto muito louco , que era o “Madrugada Blues”, que a partir das 00:00 eu encaminhava aos amigos que estavam acordados para ouvir essa inovação, sonora ou seja eu gravava as 23:00hs e mandava de cinco em cinco que era o limite proposto pela whatsapp , para os amigos distantes , uns recebiam depois das 00:00hs , outros recebiam no horário sempre atrasava um pouco mas eu procurava agradar a todos os ouvintes ligados no programa, que era repassado a outros amigos distantes via whatassap pelos próprios radiouvintes , tinha tantos ouvintes até no Canada, uma amiga que morava aqui mas nas férias de Julho viajava para o Canada , não dormia

enquanto não ouvia o programa , e o mais curioso disso tudo, é que alguns mandavam mensagens enquanto eu estava gravando para saber o que eu iria rolar no programa , mas como esse era o grande charme do programa não dizia, e teriam que ficar acordados até o horário do programa , mas era basicamente músicos de Blues e algumas rainhas do blues que desfilavam nessa highway de uma hora aproximadamente, do qual a programação básica era do Delta ao Mississippi tornando-se o grande mote , e era legal que criei uma personagem , que era a Baby Blue, a minha técnica assistente e para mexer com a moçada , eu dizia a ela , “Baby, coloca mais um Bourbon aqui no meu copo” e usava dois copos vazios batendo um no outro para brindar , e todos pensavam que estava tomando um verdadeiro “Bourbon” e o engraçado que não bebo, e recebia de alguns ouvintes

fotos de seus bourbons , eles tomando , e virou um programa de rádio inédito , e todos pensavam que a Baby Blue era real , porque eu provocava essa situação , e no rádio voce pode usar o que voce quiser pois ninguem está vendo voce pode brincar com a imaginação de todos e eu me divertia a cada programa era isso...ou seja cabeça não foi feita para usar chapéu né ?
“ (J.Z.N)



(Arquivo) - Flyer que criei para o programa



MARIS (@marispectr)



O amor vai nos extravasar: Ian Curtis e a melancolia como combustível para a solidão.

A música parece que tem um antídoto próprio que nos contamina e preenche todo o corpo. Quando você estiver se sentindo vazio é melhor estar preparado para algumas doses de morfina – que são os sons graves do pós-punk. Para curar uma ressaca de gente é necessário se esconder entre muitas pessoas desconhecidas e penetrar na sonoridade de algum vocalista soturno resgatado dos anos 80.

Eu estava no ápice do desgaste quando soube de um show no Fofinho, a casa de shows que num passado não tão distante recebeu a fama de um certo Raulzito pertencente a uma sociedade alternativa e ligado nos ocultos mistérios do mundo...

O Fofinho era estreito, claustrofóbico e mal iluminado e por incrível que pareça, eu gostei destas características. Ao redor do palco muitas pessoas estranhas com gostos estranhos se amontoavam para curtir a

baladinha underground dos oitentistas góticos. Eu estava lá e pela primeira vez dancei e deixei a voz ser rasgada pelos vocais afiados de uma banda cover de Joy Division. Naquela noite nós estivemos acompanhados pelo fantasma de Curtis, disso não tenho dúvidas. Nem tive medo. Quando tocaram “Decades” senti a matéria se rachando ao meio e me divisando inteira em surdos espaços.

Como a música pode ser capaz de nos extrair de estados intransponíveis? Intransponível não está no vocabulário dos encantamentos. É a rebeldia dos mocinhos e mocinhas que movimentam esse grupo de ouvintes noturnos. Para louvar a decadência primeiro é necessário conhecer a melancolia. Melancolia é a palavra, é o frenesi da galera boa, a galera maluca lá do Fofinho e do Joy Division.

Aos doze anos escutei “love will tear us apart” pela primeira vez e o mundo desabou. A epifania subterrânea quis me puxar para baixo e naquele show eu aceitei o pedido, agora sem desconfianças e medos prévios. O medo era que acabasse, mas essas coisas não acabam nunca. Nosso movimento não acaba nunca. A força que nos legou Ian Curtis não vai acabar aqui nem ficou largada lá naquele fatídico dezoito de maio de mil novecentos e oitenta. Não. Dessa vez o amor não irá nos dilacerar.

Para entender o Joy Division é preciso encarar a possibilidade de incompreensão das coisas que nos cercam. O elemento etéreo se dá como centro dessa sonoridade grave e riscada, vazada de lirismos e elegias fúnebres, que acima de tudo denunciam a vida em sua totalidade de organismos crus, mal relacionados, mal intencionados. Sempre desconfie, mas cuidado para não perder o controle mais uma vez.

Alguns “prazeres desconhecidos” chegam à tona sem nem mesmo serem convidados para a festa, talvez tenha sido mais ou menos esse o funcionamento daquela noite e agora reservo o tempo para refletir mais sobre essa potência que o falecido “Warsaw” deixou para que desfrutássemos em gozo universal.

É quase intragável, mas depois dos excessos iniciais ficamos querendo e implorando por mais desse gosto exótico carregado de desordem. Aliás a desordem é a chama desse inferninho. Com uma compreensão atenta e por vezes difusas da realidade, Curtis ultrapassa a mesma e encontra novos descaminhos na conjunção de linguagem e ritmo sonoro. As faixas seguem mais ou menos a mesma pegada, mas ainda assim se distinguem e prendem a atenção dos ouvidos. Aquelas ondas sonoras insistem em fazer a bomba dos corações não explodir para fora. Saiba que para se

conectar com esses caras, as músicas desses caras, é legal entender que o sentimento é o seu elemento indiscutível.

Degusto lado a e lado b com a mesma insaciabilidade dos onívoros. Devoro tudo e me entorpeço no meio da noite. Os entristecidos se entendem e se dão...

Tinha um livro com uma capa dura muito chamativa, na capa do livro um homem recluso e de olhos fechados parecia gritar um sussurro atropelado na garganta. Era o Curtis no passado dizendo para eu ficar ali com ele e não sei por qual motivo, mas fiquei mesmo. Fui ficando e gostando e dancei naquela madrugada das minhas tristezas e catatonias que foram minguando conforme o rádio ia sintonizando com a performance dos meus interiores.

Muito doido o que a música faz com a gente, mais eficaz que energético ou cafeína e menos letal que morte por alcoolismo.

Ainda assim demasiadamente excessivo e extasiante.

“I’m not afraid anymore.” Que possamos caminhar segurando as mãos invisíveis do silêncio.

